RED TECLA

Red de Evaluación Social de Tecnologías en América Latina

Por que necessitamos de avaliação social e participativa das tecnologias?

Enquanto a inovação tecnológica se move com grande velocidade, a compreensão da sociedade frente aos impactos sociais, ambientais e econômicos das novas ferramentas e produtos ocorre muito depois destes estarem no mercado. As formas com que as sociedades punham a prova as inovações foram ultrapassadas pela avalanche de tecnologias nanométricas, biológicas, cibernéticas, robóticas e pela convergência de todas elas.

A abundância e a mercadotecnia das novas engenhocas eletrônicas, aplicativos, tecnologias de grande alcance geográfico, de maior precisão, de espionagem, de controle militar ou manipulação dos sistemas planetários, nos coloca frente a uma avalanche de objetos e processos que parecem ter vida própria, como que destinados a permanecer sem que possamos nos opor, restringindo nossa capacidade política, nossa liberdade.

Cada vez mais as novas tecnologias se impõem, sem avaliação prévia e sem regulamentação, como "solução técnica" frente à urgência das crises ambientais e climáticas ocasionadas pelo mesmo padrão de desenvolvimento do qual se originam. Tratam-se de inovações às quais dificilmente podemos resistir com nossas formas anteriores de organização ou separadamente. Por isso é urgente reinventar o questionamento, análise e ação coletiva sobre cada uma dessas novas tecnologias e sobre as implicações do "todo tecnológico" em que estão inseridas.

Quem pode avaliar a tecnologia?

A avaliação pública das tecnologias tem uma longa história na governança internacional. A *Agenda* 21, Capítulo 34 (1992), estabelece uma " transferência racional" da tecnologia e prevê formas de avaliação: no documento da Rio+20, *O futuro que queremos* (2012), o parágrafo 275 reconhece

A importância de reforçar as capacidades internacionais, regionais e nacionais em matéria de avaliação de pesquisa e tecnologias, especialmente

tendo em vista o rápido desenvolvimento e a eventual implantação de novas tecnologias que poderiam também ter impactos negativos indesejáveis, em especial sobre a biodiversidade e saúde, ou outras consequências imprevistas.

Em 2015 foi constituído o *Mecanismo Internacional de Facilitação de Tecnologias* (TFM por sua sigla em inglês), sob a égide das Nações Unidas e seu Foro Político de Alto Nível, que se reúne anualmente. Isso abriu a possibilidade de se retomar a partir da ONU a avaliação das tecnologias e propor visões baseadas no interesse público, um terreno em disputa com as corporações que detêm as tecnologias.

Atualmente, a avaliação das tecnologias pela sociedade é mais urgente que nunca porque:

- O ritmo do desenvolvimento científico e tecnológico se acelerou;
- A capacidade dos governos e da sociedade para compreender, supervisionar e regular as tecnologias emergentes diminuiu;
- A convergência de campos da pesquisa científica anteriormente diversos multiplicou os impactos das tecnologias resultantes. Por exemplo: a convergência da informática, nanotecnologia, genômica e biologia sintética torna possível a criação de formas de vida projetadas artificialmente, com implicações e riscos enormes para um desenvolvimento ambiental sadio e socialmente justo;
- Um número cada vez menor de corporações transnacionais controla tanto as tecnologias como os recursos, e seu poder aumenta com os regimes de propriedade intelectual;
- Cada vez mais âmbitos do mundo natural são considerados nichos de mercado graças às novas tecnologias, ao mesmo tempo que novos instrumentos financeiros especulativos promovem sua privatização e monopolização;
- É cada vez mais evidente a relação entre o desenvolvimento tecnológico controlado por corporações e a produção de desemprego, devastação ambiental e crises globais.

História e objetivos da Rede TECLA

Nós que integramos a Rede de Avaliação Social de Tecnologia na América latina (Rede TECLA) nos reunimos já faz dez anos para analisar e questionar as tecnologias que surgem e se impõem destruindo os tecidos sociais, a subsistência e os saberes contidos em milhares de propostas civilizatórias.

- Em 2008, no México, realizamos um seminário continental sobre nanotecnologia, biologia sintética e geoengenharia.
- Em 2009, no Brasil, e em 2011, na Costa Rica, realizamos oficinas regionais de informação sobre o desenvolvimento e impactos das novas tecnologias e

analisamos o que cada organização considerava como ameaças em suas realidades específicas.

- Em 2014, na Colômbia, tivemos uma quarta reunião latinoamericana, onde identificamos as organizações que estão acompanhando a crítica às tecnologias.
- Em 2015, no Brasil, confirmamos a presence de organizações de base, tanto do âmbito rural como urbano, de cientistas comprometidos e de ativistas. Todos dispostos a promover a crítica do desenvolvimento tecnológico de forma radical, permanente e útil às nossas lutas.
- Finalmente, em 2016 no México, estabelecemos a Rede de Avaliação Social das Tecnologias na América Latina, Rede TECLA, integrada por organizações camponesas e sindicais, de intelectuais, de cientistas, de estudantes, de agroecologia, de feministas, de ambientalistas e de líderes comunitários entre outras.

A partir dessa assembleia, identificamos quatro principais linhas de ação:

1. ***Discussão sobre o que é a ciência e a tecnologia, e o contexto em que se desenvolvem,*** para entender as metas e a lógica subjacente ao desenvolvimento de novas tecnologias, assim como promover o debate para além dos âmbitos científicos dominantes e promover a integração de diversos sistemas de conhecimento. Como subtemas: o que é a ciência, a tecnologia e a tecnociência; o que entendemos por ferramentas e técnicas; como ocorre a submissão do conhecimento científico e da tecnosfera ao sistema industrial de produção e consumo, e quais podem ser as alternativas tecnológicas e culturais.

2. ***Mapeamento da crítica tecnológica.*** Muitas organizações e movimentos desenvolveram críticas e avaliações objetivas a tecnologias concretas que os afetam: transgênicos, biologia sintética, energia nuclear, eólica ou de hidrocarburantes, e contaminação eletromagnética, entre outras. Estamos construindo um mapa para visualizar as experiências e aprendizagens específicas, visando não duplicar esforços e ver como podemos nos complementar.

3. ***Revisão do horizonte tecnológico.*** Necessitamos ter um panorama do horizonte tecnológico para saber o que se avizinha, o que significam as novas tecnologias, isoladamente e em sua convergência, e seus potenciais impactos tanto sociais como econômicos e ambientais.

4. ***Diálogo informado em nível nacional, regional e internacional.*** Na Rede TECLA consideramos que é necessário tanto uma avaliação crítica das tecnologias como estabelecer um diálogo com os elaboradores de políticas em todos os níveis, para apresentar as perspectivas de crítica e proposta tecnológicas a partir de nossas organizações, nossos povos e nações.

Funcionamento da Rede TECLA

A Rede TECLA se organiza através de:

- Um comitê coordenador internacional formado por representantes de organizações e movimentos.
- Um Conselho Assessor Permanente, formado por pessoas com reconhecida trajetória nos temas, e
- Uma secretaria operativa.

A Rede TECLA se propõe a realizar pelo menos uma reunião anual presencial e reuniões temáticas por teleconferência. A secretaria operativa está a cargo das organizações REDES-AT (Uruguai) e Grupo ETC (México).

Em 2017, a Rede TECLA está trabalhando em dois casos de avaliação social das tecnologias:

1. *História do rechaço global à tecnologia Terminator* (Tecnologias Genéticas de Restrição do Uso) para fazer sementes "suicidas" e análise de como o mesmo modelo tecnológico se repete com novas formas; por exemplo, através de técnicas de edição genética, como os sistemas de condutores genéticos ou gene *drives*.

2. *Uso e abuso da Stevia (Kaá heé),* planta medicinal ancestral criada por povos indígenas Pai Tavyterá, do Paraguai, e Kaiowá, do Brasil, que foi patenteada para negócios de empresas transnacionais, disputando mercados com os produtores camponeses agroecológicos e, atualmente, manipulada com biologia sintética. O caso tem repercussões sobre os direitos indígenas e camponeses, biopirataria, comércio e discriminação, saúde, ambiente e impactos de novas tecnologias.

A Rede TECLA convida organizações e movimentos na América Latina a se agregarem a este esforço, enviando uma nota na qual descrevem seu trabalho, temas e interesses específicos.

contacto@redtecla.org